

Sobre as manifestações de junho e suas máscaras

Javier Alejandro Lifschitz

Introdução

Em um texto da década de 1980, Alain Badiou dizia que a retirada do marxismo estava associada à retirada da própria política. Isso se expressava, dentre outras formas, na uniformidade que tinham atingido os signos da política e na própria ineficácia das categorias de análise para pensar as transformações do espaço político. O autor concluía que pensar a política implicava se deslocar de paradigmas para poder formular os axiomas desse afastamento. Formular um quadro abrangente que tornasse inteligível o fato de a política ter se transformado em uma “molezaestrutural”, sem aposta subjetiva. Suas referências eram basicamente da França, mas suas observações pretendiam ter um alcance geral.

Transportemos agora esse quadro teórico para o que aconteceu recentemente no Brasil. Embora seja cedo para análises mais profundas, podemos constatar que um fato que chamou a atenção foi a implicação emocional dos jovens. “Houve um despertar”, anunciavam os jornais. A faixa etária dos manifestantes sugeria um *ritual de iniciação* e lembrava as cerimônias de passagem para novos planos da subjetividade. Como observa Gabeira em um artigo publicado logo após as primeiras manifestações multitudinárias:

Nos anos 1960, alguns, como eu, transitaram do existencialismo ao marxismo. Agora, o existencialismo parece estar de volta. De novo, uma parcela da juventude sai em busca de sentido: conectar as mentes, criar significados.

Portanto, as manifestações de junho não correspondem à caracterização de Badiou. Contudo, o autor abria um hiato na forma de conceber a política que ainda deve ser considerado ao se avaliarem as manifestações. Referia-se à necessidade de abandonar formas de pensar a política pautada na consistência dos laços sociais, isto é, na premissa de que existem coletivos e identidades sociais persistentes – o povo, o proletariado, a Nação ou a classe social –, porque essa forma de pensar oculta alguma outra dinâmica, qual seja, a da desagregação dos laços sociais. Laços sociais se desfazem e refazem com muita plasticidade, e Badiou foi

um dos primeiros teóricos a formular o hiato que existe entre essa dinâmica e o antigo modelo de representar a política.

Pensar o político era, pois, pensar sobre a inconsistência desses laços sociais, e essa perspectiva tornava caducas antigas questões, como a de tentar entender a *lógica da representação* de grupos e classes na arena política. O político devia ser pensado como um *acontecimento*, como algo que irrompe, podendo se perceber nele a própria inconsistência do social. A política como a irrupção do real e que se articula com o caráter imponderável que adquiriu o laço social. Portanto, era necessária uma mudança de rumo e passar de uma lógica da *representação* para uma lógica da *apresentação* do social, estabelecendo novas genealogias e marcas de referência.

O passado da máscara

Ainda sob o impacto das grandes mobilizações de junho, o cientista social André Singer observou que as manifestações eram a expressão de grupos sociais diferentes dos que haviam apoiado Lula e a eleição da presidente Dilma. As manifestações eram efeito de outra genealogia social:

Minha hipótese é que as manifestações estão compostas de duas camadas sociais. Uma são os filhos de classe média tradicional, estabelecida assim há mais de uma geração, que possivelmente puxaram as manifestações. Elas ganharam essa adesão também do que chamo de novo proletariado. Não é uma nova classe média. São jovens que não pertencem a famílias de classe média, mas passaram a ter emprego por causa do lulismo. Mas têm empregos precários, com alta rotatividade, más condições de trabalho e baixa remuneração. Ao longo das manifestações, a participação do segundo grupo foi aumentando. Isso talvez explique por que, na segunda etapa, elas se expandiram pela Grande São Paulo, pelo Grande Rio e pelas cidades em torno das capitais. A segunda camada é muito mais extensa do que a primeira e mostra o potencial do movimento (A energia..., 2012, p.p. 88-90).

Singer estava se referindo a esse desacoplamento dos laços sociais, mas parece não dar conta do *corte* que o movimento provocou e de que “*todo corte*”, como dizia Badiou, “*coloca em estado de ficção toda a política antiga*”. Existiu sem dúvida uma dificuldade em definir uma morfologia para essa presença massiva nas ruas, e isso se refletiu na própria dificuldade em lhe outorgar uma identidade: ora era um *movimento*, ora *manifestantes*; um movimento de *classe média*, mas também das *periferias*. De qual silêncio o grito surgiu?

O fato foi que nesses dias de junho um modelo de representação política extravasou. Não havia liderança, não havia partido. Um movimento de massas sem representação, sem mediação, e convenhamos que isso é bastante singular considerando a tradição dos movimentos de massas, tanto no Brasil como no plano internacional. Tudo parecia uma ficção consagrada. Uma multidão sem partidos e sem uma identidade social explicitada, que se movimentava em direção a lugares legitimados do poder para expressar suas reivindicações. Não se tratava de legitimar o movimento garantindo seu reconhecimento político. O movimento existia *em si* e se autovalidava como tal. Se orientava sim, seguindo a *lógica das consequências*, sempre sujeita à tomada de decisões conforme os passos dados pelo adversário. Causas e efeitos que se sucediam em uma espiral abrangente:

- Causa I: Protesto pelo aumento do preço das passagens de ônibus.
- Efeito I: Passeata pela redução do preço das passagens de ônibus.
- Causa II: Diversos estados propõem a redução do preço das passagens de ônibus a ser financiada com recursos públicos.
- Efeito II: Mobilização até o local da Federação de Empresários de ônibus.
- Causa III: O governo analisa a situação do setor e constata-se a formação de cartel e corrupção, envolvendo empresas e governo.
- Efeito III: Passeata até a casa do governador do Rio de Janeiro no bairro de Leblon, onde a polícia reage de forma extremamente violenta.
- Causa IV: A violência policial é registrada nas redes sociais e provoca fortes reações na mídia internacional.
- Efeito IV: Nas manifestações seguintes a polícia faz “corpo mole” (expressão popular que bem caracteriza uma atitude de resignação e complacência), permitindo que grupos avancem nas ruas como um poder demolidor e destrutivo.

Foram causas e efeitos desse tipo que colocaram as manifestações em movimento e isso aconteceu tanto nas ruas como nas redes sociais, porque a lógica da replicação também se introduziu nesses tempos rápidos da comunicação global interrupta. As manifestações se estendiam de madrugada por esse universo paralelo. Porém, houve um salto quântico. Uma transformação morfológica que ainda permanece enigmática. Como pensar esse salto das redes às ruas e o retorno?

Na década de 1990, outros autores, como Michel Maffesoli, também refletiram sobre as “transfigurações do político” (MAFFESOLI, 2004). A política, segundo esse autor, está sofrendo uma implosão em cadeia, que atinge tanto

os partidos como a ideia de Nação, de Estado e as próprias bases filosóficas do *Contrato Social*. A política tornou-se um motivo de desconfiança, como também observou Pierre Rosanvallon em seu livro intitulado *A política na era da desconfiança* (2007). Os cidadãos estão se afastando da coisa pública, nota Maffesoli, e isso tem muito a ver com a incredulidade sobre as promessas da política. As esperanças messiânicas já não convencem. A política é incapaz de continuar sendo um suporte para o “adiantamento do gozo”.

Portanto, há um certo consenso com relação ao fato de estarmos vivenciando o fim da política. Mas o posicionamento dos autores é bastante diferente no que diz respeito aos possíveis efeitos dessa situação. Para Badiou, o novo é essa desagregação dos laços sociais, enquanto para Maffesoli o novo é precisamente uma pulsão gregária que atravessa a sociedade em termos da revalorização dos laços comunitários. Contudo, este afirmava que tal tendência à *proxemia* não envolve o Estado. São aproximações empáticas que acontecem na sociedade civil, com fortes sentimentos de desconfiança e principalmente de indiferença com relação ao Estado.

Entretanto, Maffesoli considera situações em que essa pulsão gregária se produz a partir do confronto com o Estado. Ondas violentas que se nutrem da luta contra o poder do Estado. O tema remete a questão antropológica das sociedades contra o Estado, a morte sacrificial dos chefes políticos observada em distintos grupos tribais, e que acontecia principalmente quando existia a necessidade de partilha de bens materiais ou simbólicos. Segundo Maffesoli, algo parecido está acontecendo nas sociedades modernas; as comunidades estão sacrificando o Estado, ainda que isso esteja acontecendo mais pela via do afastamento que por ações violentas. Poder prescindir do Estado é uma forma de decretar sua morte simbólica.

Mas se transportarmos agora esse outro quadro teórico para as manifestações de junho, o sentimento de inadequação persistirá, porque o que aconteceu no Brasil foi uma implosão de demandas para o Estado. Uma religação expressiva e desafiadora com a coisa pública: passe livre, investimento na educação e na saúde com padrão FIFA, reforma política, fim da PEC 37, derrogação de políticas homofóbicas. Os 500 mil jovens que ocuparam a Avenida Presidente Vargas não se afastaram do Estado, muito pelo contrário, exigiram sua presença.

Enquanto escrevo este texto, ainda não foi lançado o novo livro de Manuel Castells, intitulado *Redes de indignación y esperanza: los movimientos sociales en la era de Internet*. Em seu blog, o autor diz que analisa fundamentalmente os efeitos das redes na irrupção da “Primavera Árabe”, e essa perspectiva sem

dúvida pode ajudar a entender alguns aspectos das manifestações de junho. Mas há outros aspectos não menos relevantes e um deles é o fenômeno já apontado de deslocamento massivo das redes digitais para as ruas. O abandono, embora momentâneo, dos *Playstation* em direção a um aglomerado humano de impressionantes dimensões. De que vontade esse salto surgiu?

As máscaras e o espírito

Segundo Hegel (2012), a política sempre está atrelada ao espírito de uma época, porém acrescentando que essa conexão, embora interior e necessária, não é imediatamente percebida. É necessário fazer um percurso $\frac{3}{4}$ cujos passos ele delinea na *Fenomenologia do Espírito* – que culmina na ideia de que o espírito de uma época é somente *um*. Uma mesma raiz cultural que se expressa em todos os campos do fazer, como na política, na religião, na arte, no comércio ou na indústria. Cada um desses fazeres se configura por aspectos culturais muito variados que se combinam de uma forma também singular, porém nenhum deles é contraditório com relação ao espírito da época. Todas as figuras singulares, todos os fragmentos de cultura, embora possam parecer antagônicos, conduzem a uma mesma raiz cultural.

Entretanto, a inteligibilidade dessa unidade não é imediatamente dada à percepção. A percepção é para Hegel um dispositivo específico, diferente da reflexão, e que se caracteriza por captar a ordem simultânea das coisas. Percebemos coisas que estão acontecendo ao mesmo tempo, mas esse mecanismo não nos permite estabelecer conexões de sentido. Trata-se da percepção simultânea de *objetos parciais* que destacamos e enquadrados com relação ao resto do visível. Mas para onde orientar nosso olhar no meio de uma passeata com mais de 500 mil pessoas? Nos detivemos em imagens de destruição e em tudo que nos ameaçava, como o fogo ou o avanço da polícia. Mas também olhamos para o que inquietava nossa percepção, talvez por serem imagens ambivalentes ou inadequadas nesse contexto. Foi o caso da máscara do personagem V do filme “V de vingança”, sobre o qual falaremos adiante.

No mundo dos objetos, pode-se dizer que as máscaras são bastante singulares porque reproduzem a face humana ao mesmo tempo em que a ocultam. Existe uma vasta literatura sobre o uso da máscara no campo da antropologia e do teatro, mas essa característica a coloca entre as *imagens dialéticas*, conforme a definição de Didi-Huberman (2011). São imagens que olhamos ao mesmo tempo em que somos olhados por elas. A máscara é uma imagem dialética que impõe sua própria visualidade no espaço de nossas certezas visuais. Mas, além disso, o que

inquieta nessa máscara é o jogo ao qual nos convida a participar. Uma imagem lúdica desengajada do contexto político local, excêntrica com relação aos ícones do protesto social, que se instalou como um passe nas mobilizações de junho. Até onde a ficção é capaz de atingir?

Uma máscara teatral encenando a política, como acontecia na antiga Grécia, mas nessa encenação havia uma inversão estrutural. Os espectadores do máscara V agora eram manifestantes e a personagem se transportava da cena cinematográfica para as ruas. Máscara e manifestantes se reencontraram, mas a mera presença desse ícone contribuiu para ficcionalizar essa experiência.

Contudo, esse objeto parcial parece insuficiente para explicar o clamor das ruas. Temos a necessidade de compreender o que aconteceu *em realidade* e a máscara parece estar longe de dar um sentido aos acontecimentos. Desconsideramos as *fachadas* e os *cenários* como dizia Goffman (1959), se referindo à necessidade de simulação expressiva que existe na vida social. Mas essas fachadas, esses objetos parciais, podem ser um elo nas conexões de sentido.

A primeira impressão sobre a fachada é que a maior parte dos ícones das mobilizações de outrora – como a imagem do Che Guevara, as bandeiras vermelhas e os punhos levantados – não está presente. Os ícones são outros e o corte é marcante. A máscara à qual nos referimos é do filme *V de Vendetta*,¹⁵⁴ dos irmãos Wachowski, mas também uma adaptação de um *comic* da década de 1980, de Alan Moore e David Lloyd (2006). O *comic* tem como cenário uma Londres devastada por uma guerra nuclear e os autores parecem ter se inspirado no contexto político da era Thatcher: “Um dos motivos que nos levou a criar o Estado policial e fascista britânico de Vendetta foi nossa atitude perante o governo ultraconservador de Margaret Thatcher”, diz David Lloyd. “A destruição desse sistema era a causa primordial para a existência de V”.

O cinema projetou o máscara V para o plano midiático e transnacional e esse ícone se incorporou a manifestações de cidades tão distantes como Istambul, Londres, Rio de Janeiro, São Paulo, passando a ser um dos referentes da mudança iconográfica das manifestações de massas. Toda uma fachada social das mobilizações de massas saiu de cena e em seu lugar se apresentam outras figuras expressivas. A máscara provém do cinema e do *comic*, porém suas transmutações não acabam aí. A personagem foi inspirada em um fato histórico, acontecido na Inglaterra em 1605, conhecido como a *Conspiração da Pólvora* e que culminou com

154 Filme *V de Vendetta* (comercializado no Brasil como *V de Vingança*), lançado na Europa no dia 17 de março de 2006. Dirigido por James McTeigue. Produzido por Joel Silver e pelos irmãos Wachowski, que também escreveram o roteiro.

o enforcamento público do líder católico Guy Fawkes. O grupo religioso do qual Fawkes fazia parte lutava contra a proibição dos direitos políticos dos católicos (HAYNES, 1994) e planejava explodir a Câmara dos Lordes quando o rei anglicano Jaime I estivesse reunido com os parlamentares. A conspiração foi descoberta e Fawkes foi enforcado. Mas houve outros desdobramentos. O rei transformou o enforcamento em um símbolo e o dia 5 de novembro passou a ser celebrado em praças públicas com a queima de figuras que representavam os conspiradores e o Papa. Essa tradição se conservou por quase três séculos, até que foi abolida para evitar conflitos com a Igreja Católica, mas foi retomada no século XX como um símbolo da liberdade e da luta contra o poder opressor. O dia 5 de novembro continua a ser celebrado, embora agora sejam queimadas figuras que representam personagens públicos, como já aconteceu com Tony Blair e Osama Bin Laden.

Portanto, a trajetória da máscara se imbrica com a luta contra os sistemas totalitários. No *comic* está representado pelo regime fascista da “Nórdica Chama”, cuja aproximação com o imaginário orweliano é evidente, a começar pelo palco do conflito e pela figura do “Grande Irmão” que controla a intimidade dos corpos. Entretanto, no *comic* é mais evidente a apropriação ficcional de componentes do nazifascismo, com sequestro e desaparecimento de negros, judeus, asiáticos, socialistas e homossexuais; instauração de campos de readaptação e uso da ciência para experiências com humanos; a coligação de grandes corporações; participação da Igreja no discurso ideológico e exércitos de policiais civis nas ruas. Esse tema político acompanha a trajetória metamórfica da personagem, que se inicia com um fato histórico do século XVII, na década de 1980 passa a ser um *comic* em chave anarquista, e no século XX se projeta no plano cinematográfico. Daí a máscara é capturada atrás do palco e reaparece no espaço da rua, em situações políticas das mais diversas e que não necessariamente se relacionam com contextos totalitários, como nas passeatas dos indignados na Espanha, em Wall Street nas ruas de Nova Iorque e agora nas avenidas das metrópoles brasileiras.

Liberalismo, anarquismo e rituais de iniciação

Mas o máscara V não é somente uma imagem. Convoca também o discurso de Guy Fawkes, Alan Moore e David Lloyd e dos irmãos Wachowski. E todos eles, com diferentes nuances, trazem à tona um velho tema do liberalismo e do anarquismo: a relação do indivíduo com o Estado. Para o liberalismo, essa questão é fundadora porque o Estado é concebido como um verdadeiro guardião das liberdades individuais, embora os autores liberais não negassem a possibilidade de o Estado se desviar desse mandamento. O *Acordo do Povo*, de 1649, con-

siderado o primeiro manifesto democrático moderno, alertava os cidadãos contra o avanço do Estado sobre as liberdades individuais.

Entretanto, para o anarquismo a coação é própria do Estado. Não se trata de um desvio que se pode corrigir, mas de ações inerentes ao domínio de classe. Por isso, para o anarquismo, a luta contra o Estado é sempre legítima, como também os meios utilizados, sejam violentos ou não.

Para o liberalismo, a questão dos meios também está presente de uma maneira muito mais circunscrita. Como observa Rosanvallon (2007), na prática das democracias liberais existem duas formas de sancionar os desvios de Estado: o sufrágio ou as formas contrapoder. Estas últimas envolvem desde a mera crítica ao poder público até o controle ativo de parte do povo sobre seus governantes. Como aconteceu, de maneira radical, na Revolução Francesa durante o período do Terror, ecos desse contrapoder reverberam na personagem do comic: “Não é o povo que deve temer os governantes; são os governantes os que devem temer o povo.” Após a Revolução Francesa, essas formas radicais de contrapoder e controle ativo ficaram desacreditadas, mas outras formas de contrapoder não deixaram de se desenvolver e multiplicar, o que Rosanvallon denomina *soberania negativa*, e que consiste no poder de mobilização da população para obstruir projetos de lei ou ações do poder público. O tema é tão relevante, que alguns autores (JONES, 1994) consideram que as diferenças, observadas nos sistemas políticos, cada vez mais obedecem ao tipo de respostas que os Estados dão a esse tipo de pressões. Mas o *comic* coloca a questão dos meios com que conta a população em outros termos. Até que ponto deve-se inibir a escolha dos meios utilizados contra o Estado quando se trata de governos totalitários? David Lloyd responde:

A mensagem principal é que todo indivíduo tem o direito de ser um indivíduo, e como tal tem o direito e o dever de opor resistência ao conformismo. A resistência de V consiste em atacar diretamente as instalações governamentais e assassinar os seguidores do regime. Portanto não é uma simples história de uma batalha contra a tirania, mas uma história sobre o terrorismo e, de alguma maneira, sobre se o terrorismo pode ser justificado. Isso é algo que devemos tratar de compreender, caso alguma vez pretendamos resolver o problema que no mundo real nos aflige (LLOYD, 2010).

Não se trata de um manifesto e menos ainda de uma reflexão acadêmica, mas o *comic* não deixa de transmitir posições que interferem na representação política. Porém, é um gênero de ficção e como tal escapa à ordem das clássicas narrativas políticas. Assim, posições que, do ponto de vista da teoria política, são

antagônicas, aparecem na fala das personagens como se fossem intercambiáveis, principalmente no que diz respeito a um tema tão caro à juventude como o das liberdades individuais.

Mas o *comic* também introduz o tema do sinistro do totalitarismo e do terrorismo de Estado. O personagem V foi prisioneiro em um campo de readaptação e submetido a experimentos biológicos. Uma vítima da razão nazista, trazida de novo à tona por personagens de ficção, como o da cientista que comandava essa experiência: “Não lutam. Só ficam olhando para nós com seus olhos débeis. Parecem vermes. Quase não são humanos” (V de vingança, op. cit.,).

Nessa experiência biológica, todos os pacientes morreram menos o paciente da cela V (cinco em número romano), que se torna um caso fascinante para a cientista. Sem possuir qualquer anomalia celular, ele se destaca por sua personalidade magnética e olhar penetrante. Tem um comportamento que se mostra irracional, mas que parece obedecer a uma fria lógica. Cria e cuida de flores com tanto esmero e dedicação, que dão a ele fertilizantes e outros produtos químicos. Como narra a cientista, é com esse arsenal caseiro que ele acaba fabricando um explosivo e implode todo o campo, conseguindo escapar: “Foi no pátio que eu o vi. Tinha as chamas às suas costas. Estava nu. Ele me olhou. Como se fosse um inseto.” (*V de vingança*, op. cit.).

Seu próximo passo foi a vingança. Como um *serial killer*, ele assassina os carcereiros, o chefe da polícia, o pároco, o responsável da mídia – homicídios em cadeia no centro do aparelho de Estado. Uma vingança nietzchiana aos poderes instituídos, mas que tenta comprometer a todos cidadãos, como ele expressa em um pronunciamento quando invade a TV:

Tivemos uma sucessão de malversadores, laráprios e lunáticos tomando um sem-número de decisões catastróficas. Você deu a eles o poder para tomar decisões em seu lugar. Aceitou suas ordens insensatas sem questionar (V de vingança, op. cit., p. 118-119).

O máscara V como um Locke enlouquecido? Um anarquista destemido? As mobilizações de junho não foram mortíferas, mas atingiram infraestruturas do aparelho de Estado e lugares da memória nacional, como a esplanada do Congresso Nacional, o Palácio do Itamaraty, a Catedral Metropolitana, Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, a sede da Prefeitura de São Paulo. Imagens de destruição que pareciam endossar o discurso do máscara quando implode a cúpula do Parlamento: “Um edifício não é nada. São as pessoas que o adoram, que lhe dão poder, que o transformam em símbolo. Se destruímos o edifício, destruímos o símbolo.”

Mas essas ações implosivas foram limitadas. O mais impressionante foi o avanço da multidão nas ruas. Um fenômeno de massas tão compacto que as individualidades pareciam haver-se diluído. Como diz Elias Canetti no livro *Massa e poder* (1983), as ações de massas são antagônicas à ideia de individualidade porque neutralizam as hierarquias que fazem parte do cotidiano das pessoas. Mas esses jovens marchando juntos pareciam ao mesmo tempo estar isolados. Como se preservassem sua individualidade ainda que nas fileiras fechadas das marchas, e isso se manifestou no uso dos cartazes.

Para entender essa mudança, devemos lembrar que um elemento importante das fachadas de outrora era a longa faixa de pano que geralmente encabeçava a passeata e era segurado por uma fileira de pessoas, e que levava inscrita uma palavra de ordem. A diferença é marcante. Nas recentes mobilizações, cada manifestante segurava seu próprio cartaz com sua própria palavra de ordem. Os cartazes diminuíram de tamanho e as palavras de ordem se multiplicaram. Cada cartaz aludindo a uma *demanda de um eu*, que se diferenciava da demanda do cartaz do lado. Ou seja, a diminuição do tamanho dos cartazes correspondia a essa forma de intervenção política individualizada. Com isso não estamos fazendo alusão à figura do indivíduo na tradição liberal. Trata-se, sim, de uma nova forma de conceber a ação política como um *microagenciamento*. Cada manifestante fazendo de sua reivindicação um agenciamento em grande parte voltado à gestão expressiva de um conteúdo singular em um contexto semântico extremamente heterogêneo. As palavras de ordem cobriam um amplo leque, que ia desde a homofobia até a reforma política. Portanto, as mudanças na fachada estão relacionadas a mudanças na forma de intervenção. Nesse sentido, a mudança da fachada das mobilizações se articula como essa forma política inaugural que são os microagenciamentos.

Na realidade, as manifestações foram inaugurais em diversos sentidos, começando pelo fato de que para muitos jovens foi sua primeira participação na política. Como dissemos, um *ritual de iniciação*, que envolve mudanças na percepção do eu. Mas sem querer forçar a analogia, cabe a observação antropológica de que nesses ritos há também desprendimentos, abandono de atitudes, de formas de convivência e em alguns casos até troca de identidade (TURNER, 1974). E nesse rito, em que os jovens se lançaram às ruas, também houve o abandono, embora parcial, de uma forma de convivência, que são as redes sociais. Para ir às ruas, tiveram que se distanciar das redes. Por isso, cabe perguntar o que dessa lógica da interação virtual se plasmou no contato real. Como essa plataforma ilimitada de mensagens, em que se cruzam sexos, ideologias, motivações e imagens, interferiu na constituição do movimento. De fato, foram essas plataformas vir-

tuais que permitiram outra prática inaugural: um ato político massivo precedido por um imperturbável silêncio.

A máscara trágica

Em um livro dedicado ao uso de máscaras rituais em tribos indígenas da América do Norte, Lévi-Strauss (1979) mostrava que as diferenças entre elas tinham mais a ver com o fato de marcar diferenças entre povos que com a mensagem singular de cada uma. Eram as máscaras que marcavam as diferenças. Esse também poderia ser o caso de duas máscaras que pertencem ao universo da cultura política contemporânea e das mobilizações de massas: o Che Guevara e agora a máscara V.

A comparação a princípio parece inapropriada, primeiramente porque a imagem do Che não é utilizada como máscara facial. Apesar disso, podemos dizer que a imagem do Che compartilha certas características da *máscara mágica*, tal como definida no teatro grego (LESKI, 2010): trata-se de uma imagem que tem a capacidade de transferir ao portador a força e as propriedades que nela estão nela representadas (Idem).

No caso da imagem do Che, o poder de transferir a seus portadores a força e o símbolo do revolucionário. Concordamos com o fato do significante *revolução* ter múltiplos significados, mas a questão aqui é a imagem e seu poder de aderência sobre o portador. Contudo, entre essas duas máscaras existem outras diferenças não menos importantes. O Che foi uma figura histórica e o máscara V um personagem de ficção. O Che pertence à história latino-americana; o *V de vendetta*, aos estúdios da Warner Bros. Mas, como já dissemos, o máscara V remete a um personagem histórico do século XVII. A história, como observou Nietzsche, sempre teve relações íntimas com a ficção (BARRENECHEA, 2011). No caso do máscara V, o trajeto foi da ficção para a história; e com o Che, da história para a ficção. Esse deslocamento foi muito bem capturado no documentário “Personal Che” (2007), que mostra como a imagem do Che foi sendo apropriada pelas mais diversas ficções. O filme mostra algumas: Che como um santo milagreiro na Bolívia, como motivo de uma ópera rock no Líbano, como emblema de um político anarquista em Hong Kong e na camiseta de um neozista alemão.

Entretanto, o máscara V se transportou à nossa realidade. É uma máscara que perambula nas passeatas. Assim, uma máscara foi em uma direção e a outra na direção oposta. São máscaras que não se cruzam, e isso implica que nunca irão conviver no mesmo espaço. Na política não há convivência de fachadas, sempre uma é transbordada por outra, como mencionou Marx em *O Dezoito de Brumário*

de Luís Bonaparte (2006). Uma máscara se retira ou é afastada, tanto faz. A questão é que, ao se afastar, sempre leva algo consigo. Com o afastamento da máscara algo da política também se retira, e isso se confunde com os temas clássicos da tragédia, uma arte que surgiu precisamente acoplada ao uso de máscaras. A tragédia, como observa Leski (2010), é um cenário paradigmático onde se representam paixões humanas radicais e concepção de mundo. Atores mascarados que representam a experiência humana de enfrentar antinomias radicais, contradições irreconciliáveis no mundo dos homens e também dos deuses. O herói trágico se confronta, dolorosamente, com uma contraposição tão absoluta de valores que deve realizar um embate radical do qual não tem escapatória.

Como espectadores da tragédia, sabemos que nesse enfrentamento a personagem vai morrer e isso provoca um sentimento de aceitação. Porém, ao ver que quem cai em desgraça foi um lutador incansável que entregou sua vida para melhorar a situação de outros, o sentimento é de desespero.

Na tragédia se combinam esses sentimentos que acompanham todo o percurso da *queda trágica* da personagem (LESKI, 2010). A vida do Che Guevara pode se inscrever nesse registro trágico. Muito distante do máscara V, que pertence a um outro gênero dramático. A máscara de um enredo romântico que tem como entorno o jogo burlesco e grotesco de um personagem transgressor que expõe ao ridículo os vícios públicos. Como diz a própria personagem do *comic*:

Você e eu, Evey! Nós dois contra o mundo. Ha, ha, ha! Um verdadeiro drama. Não é curioso como tudo termina em drama? Teatro é tudo Evey. O perfeito êxtase. A grande ilusão. Eles se esqueceram dos dramas. Abandonaram os roteiros quando o mundo cintilou sob os clarões dos holofotes nucleares. Eu vou fazer com que se lembrem do drama, dos romances, das tramas policiais. Como vê, Evey, o mundo é um palco (V de Vingança, p. 32).

E nesse gênero também se inscrevem os cartazes das manifestações de junho, com sua forte carga irônica e burlesca: “Meu cu é ateu”; “Bem-vindo à Copa das Manifestações”; “Dilma, chama a educação de Neymar e investe nela”. Cartazes de *autor* que pareciam ser subtítulos sobre os vícios públicos. E esses cartazes-subtítulos se espalharam através de câmeras, celulares e filmadoras, recriando, em um outro plano, a figura do espectador da comédia. Assim, se tivéssemos que definir as manifestações de junho em termos de gênero narrativo, diríamos que foram *fragmentos dramáticos*. Cada microagenciamento um fragmento, o que produzia uma impactante noção de multiplicidade. Não havia rastros do núcleo trágico das manifestações de outrora.

Contudo, o máscara V contorna o tema trágico da *vingança*. Na tragédia sempre há motivos para a vingança e o herói trágico realiza a *passagem ao ato*. Vinga-se e mata. Nada parecido aconteceu nas mobilizações de junho, mas houve sim *descargas violentas* (CANETTI, 1983), agressões contra pessoas e depredação de prédios públicos e comerciais. Momentos de descarga violenta que, segundo Canetti (Ibidem), está presente em todos os movimentos de massas nas mais diversas culturas, quando a massa “*experimenta ela mesma o supremo sentimento de sua potência e paixão selvagem*”, que se lança contra vidraças, mutila esculturas, ocupa espaços públicos. Ataca-se a hierarquia que já não se reconhece, e atacam-se as distâncias, que separam a massa do poder. Mas o máscara V não é um personagem trágico. Tem um sorriso amigável, porém desafiador. Provoca desconfiança, e de fato muitos blogueiros viram por trás dessa máscara a ação de anarcopunks, neonazistas e vândalos. Um neonazista arrependido denunciava que por trás dos que provocavam o caos e expulsavam os militantes de esquerda estavam os máscaras V de Anonymus e um reconhecido jornalista alertava: “Não há um ‘movimento’ em disputa, mas uma multidão sequestrada por fascistas”:

O que começou como uma grande mobilização social contra o aumento das passagens de ônibus e em defesa de um transporte público de qualidade está descambando a olhos vistos para um experimento social incontrolável com características fascistas que não podem mais ser desprezadas. A quem interessa uma massa disforme na rua, “contra tudo o que está aí”, sem representantes, que diz não ter direção, em confronto permanente com a polícia, infiltrada por grupos interessados em promover quebradeiras, saques, ataques a prédios públicos e privados, ataques contra sedes de partidos políticos e a militantes de partidos, sindicatos e outros movimentos sociais? Como jornalista, militante político de esquerda e cidadão, já firmei uma convicção a respeito do que está acontecendo. Uma multidão cuja direção (rumo) passou a ser atacar instituições públicas, sem representantes, sequestrada por grupos de extrema-direita (WEISSHEIMER, 2013).

Surgia uma distinção dentro das mobilizações, uma *dupla massa* (Canetti) cujo comportamento mudava a natureza da manifestação e ameaçava assim a existência do movimento. Entretanto, o próprio movimento expressava através das redes que a ausência de liderança e de metas estratégicas não era uma falta e sim uma virtude. E o máscara, em seu transitar performático, também parecia rir das metas e das estratégias. Porém, nesse perambular sem meta exibia uma falta que é condição *sine qua non* da tragédia: o sujeito trágico tem plena consciência de seus dilemas. Exprime em palavras tanto os motivos de suas ações, como os

dilemas e as forças irreconciliáveis que deve enfrentar. Mas tratava-se de uma *mobilização dramática* e, portanto esse núcleo trágico estava fora de cena ou talvez nas sombras do cenário. A questão do drama é a perplexidade, e o mascara V dialoga com esse sentimento. Na última cena do filme, os cidadãos de Londres são convocados a colocar a máscara V e marchar em direção ao Parlamento. Uma multidão mascarada assiste atônita a implosão do Parlamento e nós, como espectadores manifestantes, moradores e transeuntes de grandes centros urbanos, compartilhamos essa perplexidade.

Referências

- BADIOU, A. *Peut-on penser la politique?* Paris: Seuil, 1985.
- BARRENECHEA, M. (org.). *Nietzsche e as ciências*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2011.
- CANETTI, E. *Masa y poder*. Barcelona: Alianza\Muchnik, 1983.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Lo que vemos, lo que nos mira*. Buenos Aires: Manantial, 2011.
- GOFFMAN, E. *Presentation of self in Everyday Life*. New York: Doubleday & Company Inc., 1959.
- HAYNES, A. *The gunpowder plot: faith in rebellion*. Publisher, A. Sutton, 1994.
- HEGEL, G. *Introducción a la Historia de la Filosofía*. Espanha: Globus Comunicación, 2012.
- JONES, B. *Reconceiving Decision-Making in Democratic Politics: Attention Choice and Public Policy*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- LESKI, A. *A tragédia grega*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, C. *A via das máscaras*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- MAFFESOLI, M. *As transfigurações do político: a tribalização do mundo pós-moderno*. São Paulo: Instituto Piaget, 2004.
- MARX, K. *O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MOORE, A.; LLOYD, D. *V de Vingança*. [tradução de Helcio de Carvalho e Levi Trindade]. São Paulo: Panini Comics, 2006.
- ROSANVALLON, P. *La contrademocracia. La política en la era de la desconfianza*. Buenos Aires: Manantial, 2007.
- TURNER, V. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Textos da net

EVELIN, Guilherme. André Singer: “A energia social não voltará atrás”. Revista Época, 23 de junho de 2012, n. 787. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2013/06/andre-singer-energia-social-nao-voltara-atras.html>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

GABEIRA, F. Sra. Rousseff, alguma coisa acontecendo. ESTADÃO. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,sra-rousseff-alguma-coisa-acontecendo,1045107,0.htm>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

LLOYD, D. V de Vendetta. Rádio 3. 2 de março de 2010. Disponível (parcialmente em): <<http://www.lahiguera.net/cinermania/pelicula/1834/comentario.php>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

WEISSHEIMER, M. A. Não há um “movimento” em disputa, mas uma multidão sequestrada por fascistas. Carta Maior. 21 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=6155>. Acesso em: 7 jan. 2014.

■····· **Javier Alejandro Lifschitz** é doutor em Sociologia (IUPERJ). Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. Pesquisa sobre temas da Sociologia da Cultura, principalmente mudanças nas formas de sociabilidade nas sociedades contemporâneas. Em 2012, publicou o livro *Comunidades Tradicionais e Neocomunidades* (Contracapa/Faperj, 2013).